

## PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR COM A PEDAGOGIA DE PROJETOS

Ruth Margarete da Silva Albuquerque<sup>1</sup>  
Jalidiane Moura Queiroga<sup>2</sup>  
Mayara Campos Pires<sup>3</sup>  
Patrícia Cristina de Aragão<sup>4</sup>  
Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho<sup>5</sup>

### RESUMO

Dentre os muitos desafios que a educação escolar enfrenta na contemporaneidade, está o da formação dos professores. Particularmente, percebemos uma grande lacuna na formação das práticas pedagógicas que, sustentadas pela dicotomia teoria-prática, esbarram no domínio do conteúdo para o trabalho didático em sala de aula com os educandos que ainda não têm maturidade para se inserir nesse contexto. Nesse cenário, estamos envolvidas no Programa Residência Pedagógica, criado pelo Governo Federal, como uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Com essa oportunidade, percebemos os paradigmas entre a teoria e a prática para exercitar de forma ativa as ações que a docência nos exige. Enfrentando esses desafios, encontramos a preceptora de História que faz a sua prática pedagógica baseando-se na valorização da criatividade, da reflexão e da participação dos educandos, priorizando o referencial teórico-metodológico da Pedagogia de projetos. Portanto, esse artigo tem como objetivo apresentar o relato da nossa experiência nesse programa, ao participar do projeto de trabalho com a professora de História da escola pública municipal. Na construção do trabalho, utilizamos como metodologia o testemunho oral, cujo intuito foi conhecer tanto a trajetória da preceptora com o ensino de História, como também as vivências e aprendizados com essa experiência na nossa formação docente.

**Palavras-chave:** Formação docente; Residência Pedagógica; Pedagogia de projetos.

### INTRODUÇÃO

Criado como uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores, o Programa Residência Pedagógica tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da

<sup>1</sup> Graduanda pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, [albuquerque.ruth@gmail.com](mailto:albuquerque.ruth@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, [jalydianem@gmail.com](mailto:jalydianem@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, [mayaracp7@gmail.com](mailto:mayaracp7@gmail.com);

<sup>4</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, [patriciacaa@yahoo.com](mailto:patriciacaa@yahoo.com);

<sup>5</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Campian Grande, [marinalvabvcarvalho@gmail.com](mailto:marinalvabvcarvalho@gmail.com),

formação prática nos cursos de licenciaturas, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Através disso, o programa proporciona ao residente a vivência com a regência, sob auxílio de uma preceptora, que também faz parte do programa.

Dentre os fatores contribuintes para a criação do programa estão os inúmeros desafios vividos pelos professores e a busca pela aproximação entre teoria e prática que forme professores capazes de atuar no processo de ensino e aprendizagem na perspectiva crítica-emancipadora. Com essa perspectiva, podemos vivenciar diferentes habilidades para desenvolvermos as competências necessárias às práticas docentes que permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica.

Com esses objetivos o Programa Residência Pedagógica não só possibilita a formação do professor no contexto da realidade da sala de aula, mas também coloca as redes de ensino que estão conveniadas ao programa como protagonistas na formação do professor. Portanto, é de grande relevância a contribuição do professor que atua como preceptor. Sendo assim, considerando a importância desse programa e a eficaz atuação da preceptora, objetivamos, através deste trabalho, descrever nossas vivências como professoras residentes no componente curricular de História da educação básica, a partir da atuação da preceptora que utiliza, na sua prática, a pedagogia de projetos.

As narrativas apresentadas com essa prática pedagógica têm como referência o projeto: História(s) e cultura(s) afro-brasileiras: conhecimento e valorização, desenvolvido pela professora Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, na escola municipal Padre Antonino, no município de Campina Grande -PB.

A pertinência desse projeto idealizado pela professora está em sintonia com o que está na lei 11.645/2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Com essa prática, a preceptora possibilita aos educandos conhecerem a história e a cultura dos povos formadores das identidades dos brasileiros. Em outras palavras, a professora consegue trazer para o campo educacional da sala de aula a interculturalidade por meio das diferentes estratégias de ensino, com diferentes recursos pedagógicos.

O projeto desenvolvido pela preceptora ao longo do ano letivo permite aos educandos atuarem como sujeitos da história, incentivando o respeito pelas diferentes culturas e promovendo a conscientização para o combate às discriminações.

Nesse cenário, participamos como residentes e assim nos envolvemos na aplicação das atividades junto aos educandos. Vimos que, além da organização do projeto, é preciso também

incentivá-los a buscar novos conhecimentos. Nessa perspectiva, as práticas da sala de aula vão além do uso do livro didático.

Na nossa percepção, essa atitude desperta nos educandos mais interesse na realização das atividades do projeto e estimula outras abordagens no contexto da lei 11.645/2008.

## **METODOLOGIA: TRILHAS DA PESQUISA**

Este texto se apresenta como um relato de experiência, da nossa vivência pedagógica no Programa Residência Pedagógica no componente curricular de História. Para a concretização do trabalho, foi necessário utilizarmos, como metodologia, o testemunho oral, tendo como recurso uma entrevista com a preceptora de História que nos acompanha. Contudo, nos colocamos como sujeitos atuantes nessa experiência, ora descrevendo nossas práticas, ora analisando a prática da professora.

A preceptora do grupo no qual estamos inseridas é a professora Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande. O que nos despertou o interesse em fazer essa narrativa sobre essas vivências pedagógicas com esta preceptora foi o fato dela conseguir, embora com uma turma numerosa de educandos, trazer para a sala de aula uma diversidade de práticas de ensino, na tentativa de ajudar os educandos a aprender os conteúdos estudados, entender as particularidades deles e utilizar diferentes métodos para que estes discentes possam participar das aulas, dando opinião e se colocando de forma crítica e reflexiva.

A constatação das diferentes metodologias de ensino aplicadas pela preceptora nos despertou a curiosidade para conhecer um pouco mais sobre sua história como professora, pois, considerando seu tempo de 20 anos de atuação como educadora no componente curricular de História, há de se indagar que, na sua formação docente, não se pensava ainda no ensino de História voltado para uma concepção crítica e reflexiva no contexto da História e cultura afro-brasileira.

A partir da exposição oral sobre o Dia Internacional contra a discriminação racial e o combate ao preconceito, *21 de março*, foi solicitada uma atividade individual de escrita, que consistia na produção de um desenho e uma frase retratando o que foi aprendido, com base no primeiro contato com o tema.

Com a utilização da imagem impressa da planta baixa do mapa do continente africano, distribuído para os educandos, foi possível ter acesso à visualização do espaço geográfico e desconstruir a imagem estereotipada de país que muitos possuem deste continente.

Com a utilização do documentário: A cor da Cultura. Buscamos explicar sobre os estereótipos criados sobre o continente africano, através da utilização da televisão da escola para reprodução do vídeo, após sabermos a imagem que os educandos já possuíam sobre o continente. O narrador apresenta 10 palavras para que se identifique a África. Nesse sentido, também foi pedido aos discentes que respondessem no caderno escolhendo 5 palavras entre as 10 apresentadas no vídeo. Nessa atividade, buscamos ressaltar que nem tudo na África é pobreza, fome e miséria, sem negar seus reais problemas.

A partir da produção de um acróstico foi possível verificar se os educandos já conseguiriam pensar diferente com relação à África, ao negro e ao preconceito racial, estimulando a criatividade e a percepção sobre o tema.

Utilizamos como fonte para problematizar a questão do preconceito com relação à mulher negra o filme: *Xadrez das cores*,<sup>6</sup> através da exposição audiovisual. Além disso, utilizamos a música: *Mão da limpeza*,<sup>7</sup> que descreve como os negros eram tratados no período da escravidão.

Usamos a leitura de imagem como: o negro antes e depois da escravidão, na televisão da escola. Não obstante, foi trabalhado uma poesia de Solano Trindade que ajudou a identificarmos o protagonismo negro, além de pedirmos aos educandos a realização de uma pesquisa sobre o legado afro-brasileiro no aspecto cultural: alimentação, danças, festas, músicas, vocabulário e religião. Por fim, foi realizada a construção do sumário, da dedicatória, da biografia e da capa.

Dessa forma, finalizamos com uma exposição das atividades no formato de livro na mostra pedagógica da escola na qual desenvolvemos as atividades, apresentando nosso trabalho para a comunidade e os demais alunos de outras turmas.

## **DESENVOLVIMENTO: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PRECEPTORA**

---

<sup>6</sup> Curta-metragem de Marco schiavon, 2004

<sup>7</sup> Compositor e intérprete: Gilberto Gil - LP Raça Humana, 1984. Participação especial: Chico Buarque de Holanda.

As narrativas que apresentamos, não estão pontuadas em perguntas e respostas. Descrevemos nossas interpretações ao ouvir a fala da professora durante a entrevista e, ao fazermos esse relato, também nos colocamos como protagonistas desse processo. Assim, iniciou a professora:

Quero deixar claro que para ser professor não é necessário apenas gostar. Porque o gostar pode acabar. É necessário amar gente. E fazer o que tão bem nos ensinou Paulo Freire, (p. 37, 1996), me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. Nessa perspectiva, apesar das muitas lacunas de teoria e prática que tive na minha formação docente nunca me limitei ao que supostamente já sabia. (CARVALHO, 2019).

Em Paulo Freire (1996) encontramos o alicerce do exercício das práticas pedagógicas da professora Marinalva. Elas estão pautadas a partir da responsabilidade e da ética. Esta ética leva a lutar pelo ensino mais justo e melhor para os educandos na comunidade onde atua. Assim, pautados no respeito ao outro, exercitando a capacidade de viver e aprender com o diferente, tenta fazer o melhor no processo ensino aprendizagem para os educandos. Nessa busca, encontrou a pedagogia de projeto. Essa metodologia de trabalho descrito por Hernandez e Ventura (1998) apud (SANTOS e LEAL, 2018, p 83), a Pedagogia de Projeto proporciona aos estudantes um conhecimento integral, possibilitando a interdisciplinaridade e esclarecendo que o conhecimento não é exclusividade de apenas determinada disciplina.

Desde o ano de 2003, ela já atuava como professora de História da rede municipal de ensino. Foi aprovada a lei 10.639/2003, que tornou obrigatório ao professor de história o ensino da História e da Cultura dos africanos e dos afro-brasileiros. Este era um conteúdo que a mesma tinha aprendido superficialmente pelo olhar eurocêntrico na sua formação docente. Então, apesar de já ter alguns anos de práticas de ensino, essa lei foi um novo desafio, haja vista que era necessário desconstruir os estereótipos negativos sobre o continente africano, seu povo e o legado cultural existentes no Brasil construído durante os mais de trezentos anos de escravidão do negro africano e seus descendentes no Brasil.

Na sua compreensão, portanto, só a pedagogia de projetos daria conta de uma diversidade de histórias a serem recontadas. Foi então que organizou em 2006, o projeto: África na sala de aula: conhecimento e valorização. Sendo iniciado com o método interrogativo, com a seguinte pergunta: O que penso sobre a África? Pois, todo projeto pedagógico parte de uma problematização.

Desde então vem reelaborando seus encaminhamentos, acrescentando outras temáticas, diversificando as atividades e os recursos pedagógicos que utiliza. Atualmente, o projeto é denominado: História(s) e cultura(s) afro-brasileiras: conhecimento e valorização. Também busca constantemente participar de eventos que envolvem esses temas e cursou a Especialização em Educação para as Relações Étnico raciais, oferecida pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

De quando começou com esse projeto, até hoje ela busca sempre rever suas práticas, as atividades desenvolvidas, a recepção dos educandos como também avalia as rejeições. Isso se justifica pois, como diz Circe Bittencourt (2002), ensino de História deve contribuir para a formação de um "cidadão crítico", dando possibilidades aos alunos a pensarem e tomarem uma atitude crítica perante a sociedade.

Do que pudemos apreender das informações dadas pela professora, ficou explícito que seu objetivo primordial com o projeto é desconstruir ideias cristalizadas, com estereótipos negativos ao longo da História com relação à África, ao povo africano, à história da escravidão e da cultura afro-brasileira, embora não seja uma tarefa pedagógica fácil, ela continua no que acredita, ou seja, que é através da educação que se constrói cidadãos críticos e atuantes na sociedade mais justa e igualitária.

No primeiro momento do projeto é priorizado o método interrogativo, cuja problematização é: o que penso sobre a África? Com essa prática, a professora oportuniza o desenvolvimento da linguagem escrita e oral dos educandos. As respostas serão a base para as demais atividades.

Dessa forma, a reflexão sobre a produção do conhecimento é permitida a partir do tema proposto, e fundamentado na dialética do conhecimento de Freire (1987), defendendo o que a "escola pode deixar de ser um espaço de reprodução do conhecimento para ser o espaço de criação e recriação do conhecimento". Desse modo, para Freire sendo o diálogo não há comunicação e sem esta não a verdadeira educação. (FREIRE, 1987, p.83).

A escola é responsável por assegurar o direito da educação para todos os cidadãos, além de ser preciso que se pressione contra todas as formas de discriminação. Nesse sentido, procura fazer a diferença ao desenvolver esse projeto de ensino que foi pensado para dar maior destaque a valorização da diversidade étnica, racial e cultural no nosso país, tendo como legado a matriz africana, proposta na lei 10.639/2003, atual lei 11.645/08.

Ela diz que utiliza como pontos primordiais a educação e a cidadania para despertar nos educandos valorização da África e do negro na construção da identidade do povo brasileiro. O projeto possui como objetivo pontuar a desconstrução das imagens negativas sobre a África,

o povo brasileiro, a cultura afro-brasileira e formar na escola um ambiente que valoriza as características próprias de todos os indivíduos.

Sabendo que os educandos podem modificar a realidade não só do ambiente escolar, no sentido de criar novas possibilidades de valorização da identidade negra e combater todas as formas de preconceito, foi utilizada uma proposta teórica metodológica que buscou unir a teoria e a prática de forma dinâmica, que atraísse os educandos para a discussão dos temas propostos no projeto, respeitando assim, o tempo de produção de cada aluno e sua autonomia. Foram usados vários recursos diferenciados, com o intuito de que o conteúdo fosse visto por diferentes métodos e olhares. Desse modo, são avaliados em todas as etapas das atividades realizadas.

O trabalho é norteado a partir da teoria vygotskyana, na qual o aprendizado é fundamental para o desenvolvimento, pois "o aprendizado possibilita e mobiliza o processo de desenvolvimento". Além disso, "o aprendizado constitui-se como necessário e universal para o desenvolvimento humano" (VYGOTSKY apud REGO, 2002 p.53).

A perspectiva desse trabalho possui seu foco na direção prática de ensino e aprendizagem, envolvendo atividades escritas e exposições orais, cujo o objetivo é a interação entre os educandos e o docente. Como na prática da professora com esse projeto há uma diversidade de atividades, selecionamos algumas para expor nessa análise.

Conforme já mencionamos, o projeto inicia-se com o método interrogativo, para diagnosticarmos o que os educandos pensam sobre o continente africano, colocando os estudantes como protagonistas do seu processo de construção do conhecimento, que ocorre em todas as etapas das atividades aplicadas. Utilizamos como fonte para problematizar a questão do preconceito racial com relação à mulher negra o filme: *Xadrez das cores*. Através da exposição audiovisual, foi possível discutirmos não apenas as questões de gênero e a desvalorização da mulher negra na sociedade, como também com relação ao trabalho.

Para discutirmos sobre a desvalorização do trabalho do negro na sociedade brasileira utilizamos a música: *Mão da limpeza*, de autoria de Gilberto Gil. A exibição do vídeo é muito atrativo e conta com a participação de Chico Buarque. Ambos fazem uma analogia entre o ser negro e o ser branco. Na letra da música, podemos discutir com os educandos sobre como os negros eram tratados no período da escravidão.

A partir da produção de um acróstico foi possível verificar se os discentes já conseguiam pensar diferente com relação à África, o negro e o preconceito racial. Usamos a leitura e interpretação da poesia- 'Sou negro', do escritor Solano Trindade, além de leitura de imagem sobre o negro na escravidão e o negro hoje. Através desses recursos proporcionamos a construção do conhecimento de forma mais lúdica e atrativa.

Como forma de incentivar a pesquisa e a produção textual, os discentes realizaram pesquisas e produções escritas com relação à reação do negro contra a escravidão. Trabalhar nessa perspectiva de colocar o negro como protagonista da sua luta pela liberdade, oportuniza a desconstrução do olhar de fracasso que a história relega ao negro na história do Brasil.

Como forma dos alunos identificarem e conhecerem o legado cultural afro-brasileiro, eles assistiram vídeos e fizeram pesquisas, abordando os seguintes aspectos: alimentação, danças, festas, músicas, vocabulário, religião.

A finalidade dessas atividades residiu na desconstrução das visões estereotipadas da cultura afro-brasileira, que a grande maioria possui. A partir dessa quebra de paradigma, construímos, com base nos temas abordados, sua valorização e o respeito com a diversidade.

Outra característica que pudemos observar nessa vivência pedagógica participando das aplicações das atividades do projeto exercida pela professora, foi como essas aulas eram mais dinâmicas e proveitosas. Os educandos, ao mesmo tempo que estavam saindo do convencional, ajudavam a construir uma nova perspectiva para o ensino de História dentro de sala de aula. Desse modo, é perceptível como esse trabalho possibilita mudanças na escola e na vida desses alunos, incluindo a aceitação estética, pois muitos dentro de suas próprias casas e na escola são “acostumados” a conviver com comentários racistas e ensinados socialmente que tudo que vem da cultura afro é negativo. Na nossa percepção, o projeto possibilita aos educandos uma aceitação social.

Ao final das atividades, foi possível perceber a visão positiva sobre a cultura afrobrasileira que, a partir do desenvolvimento do projeto, foi desabrochando nos olhares dos educandos. Vale ressaltar que foram desenvolvidos não apenas desenhos belíssimos de mulheres negras com lindos cabelos afros, como também símbolos marcantes dessa cultura, sendo notável a construção de uma nova visão pedagógica, baseada na troca de conhecimento entre educador e educandos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Alicerçado em uma pedagogia dinâmica, que busca o distanciamento do ensino tradicional, no qual os educandos não têm uma participação tão ativa nas aulas. A dinâmica de projeto utilizada pela professora e preceptora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho busca dinamizar as relações em sala de aula e tornar o ensino e o aprendizado uma troca leve, pois segundo Freire:

Sonhamos com uma escola que, sendo séria, jamais vive sisuda. A seriedade não precisa ser pesada. Quanto mais leve é a seriedade, mais eficaz e convincente é ela. Sonhamos com uma escola que, porque é séria, se dedique ao ensino de forma não só competente, mas dedicada ao ensino e que seja uma escola geradora de alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar e aprender, de conhecer, é não transforma este “que fazer” em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar e aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes. É por isso que eu falava de que o reparo das escolas, urgentemente feito, já será a forma de mudar um pouco a cara da escola do ponto de vista também de sua alma (FREIRE, 2000, p.37).

Para possibilitar essa leveza, ao longo do desenvolvimento do projeto, foram utilizados diversos recursos, entre eles, recursos áudio-visuais, para, a título de exemplificação, exibir o filme Xadrez das cores, que ajudou na problematização das questões ligadas ao preconceito com relação à mulher negra. Tais recursos também possibilitaram a análise de imagens do negro antes e depois da escravidão. Dessa forma, segundo Napolitano:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura, ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes tem sempre uma possibilidade para o trabalho escolar (NAPOLITANO, 2009, p. 15).

Consequentemente, todos os alunos desenvolveram e finalizaram o projeto confeccionando um livro no decorrer das aulas a partir das atividades diferenciadas já mencionadas, sendo evidente o empenho que foi gerado nos alunos apoiados pelas aulas mais dinâmicas e leves. Os educandos também mostraram muitos resultados positivos, revelando o notório aprendizado quando chegaram à conclusão do projeto, mudando a relação dentro de sala de aula, a participação nas aulas de História, além dos seus discursos sobre o continente africano e a cultura afro-brasileira.

Foi, portanto, de imensurável relevância, ter contato com uma preceptora que, a partir do desenvolvimento de um projeto tão eficaz, possibilitou, em nosso primeiro contato em sala de aula, presenciar a utilização de uma pedagogia freireana, através da pedagogia de projetos. Nesse sentido, foi notório seu amor pelo ensino que o torna leve e efetivo, sendo profundo na vida dos alunos que passam por sua sala de aula e agindo de forma social através dos temas e conteúdos abordados.

Certo de que este projeto age de forma ativa na vida dos alunos, para nós, como residentes, foi uma experiência única ajudar nas execuções das atividades em sala de aula e ver a evolução dos educandos ao longo das atividades realizadas. Essas práticas nos fez entender como atividades diferenciadas em sala de aula possibilitam um bom relacionamento entre professor e educando. Além disso, proporciona um maior índice de entendimento, pois desperta o interesse no novo, visando também o acesso a materiais diversos e uma experiência única, que gera retornos dentro da sala de aula, como o empenho e bom comportamento, principalmente sabendo da exposição com os livros confeccionados e prontos no final de três bimestres de atividades.

Dessa maneira, a pedagogia de projeto posta em prática pela professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho contribuiu para mostrar aos coordenadores pedagógicos da escola uma forma mais prática e dinâmica para trabalhar com variados temas, independentemente da disciplina, auxiliando os alunos a terem novas experiência de aprendizado na vida escolar e mostrando que as novas metodologias de ensino podem ser melhores do que as convencionais.

Por fim, o resultado dos educandos mostrou empenho e dedicação para realizar atividades vistas por eles como novidades, o projeto também contribuiu tanto para a desconstrução de muitos estereótipos sobre o continente africano e a cultura afro-brasileira, como também mostrar uma forma mais dinamizada de ensino, principalmente a outros educadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesse texto nossas vivências pedagógicas como residentes do componente curricular de História da Universidade Estadual da Paraíba, acompanhando a professora/preceptora, Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, na aplicação do projeto: histórias e culturas afro-brasileira: conhecimento e valorização, desenvolvido na Escola Municipal Padre Antonino, nas turmas de 7º ano.

Esta experiência, nos fez lembrarmos do que nos disse o professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas: “É um desafio ensinar a história da África na educação básica”, na palestra: *Imagem da África e dos africanos no imaginário dos brasileiros*.<sup>8</sup>

A aplicabilidade do projeto da professora/preceptora e a palestra do professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas, se adéquam às mudanças propostas na lei 10.639/003 que alterou a

---

<sup>8</sup> Proferida aos vinte e dois de agosto de dois mil e dezoito, às dez horas da manhã, no auditório dois, na Central de aulas da Universidade estadual da Paraíba, Campus I.

‘LDB 9.394/96 com Art. 26-A, a qual em meio a suas determinações busca-se o ensino da cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio’. Não obstante, foi perceptível que é um desafio ensinar a história da África na educação básica para desconstruir a visão eurocêntrica.

Na ocasião, o professor passou um vídeo do programa nota 10 da rede de televisão Cultura, a qual transmitiu diversas abordagens sobre a África e os afro-brasileiros. Nesse sentido, foi comentada a importância dessa explanação em sala de aula, como a desconstrução de pré-conceitos formados e construídos socialmente, e que contribuíram com os índices de racismo.

Dessa forma, é importante destacar como o projeto desenvolvido pela professora e preceptora Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho auxiliou no conhecimento prático de um ensino dinâmico e diferenciado sobre questões ligadas à valorização da identidade do ser humano negro, da história e cultura afro-brasileira. Foram momentos importantes de produção de conhecimentos, proporcionados pela confecção do livro e por todo o material utilizado para que chegássemos ao produto final.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. 7º ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BRASIL. DECRETO Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Lei de Diretrizes e Bases**, Brasília, DF, dez 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental- BNCC- 2018.

CARVALHO, Marinalva Bezerra Vilar. **Entrevista concedida a Ruth Margarete da Silva Albuquerque**. Campina Grande, 21 mar. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no desenvolvimento deste artigo].

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. Cortez Editora. São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987.

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Dilce Melo. LEAL, Nadja Melo. **A pedagogia de projetos e sua relevância como práxis pedagógica e instrumento de avaliação inovadora no processo de ensino aprendizagem**. Revista Científica da FASETE 2018.2 pp.81.96. Disponível em: <https://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/19>. Acesso em 03/08/2019.